

A experiência do olhar sobre o ser social na feira livre do Planalto

The experience of observing the social being at the Planalto street market

DIEGO VINÍCIUS BRITO DOS SANTOS¹

Em vinte de fevereiro de dois mil e vinte, decidi ir à "feira livre" do bairro Planalto, localizada na Zona Oeste da cidade metropolitana de Natal, RN. A feira popular acontece em Pitimbú, na Rua Serra da Jurema, próximo à estação de trem. Ao chegar, percebi que o movimento já estava reduzido devido ao horário avançado. No entanto, notei que famílias mais necessitadas aproveitavam esse momento, pois os produtos eram vendidos a preços mais baixos pelos feirantes, que preferiam vendê-los a mantê-los em estoque, evitando perdas devido ao tempo de armazenamento.

Assim, a maioria das pessoas presentes naquele momento correspondia a indivíduos em situações de vulnerabilidade social, uma constatação que obtive a partir de conversas informais com alguns deles. Por volta das dezoito horas e trinta minutos, observei um adolescente chamado João² caminhando apressadamente em direção oposta à estação de trem, aparentemente sem motivo aparente. Logo em seguida, uma viatura policial chegou ao local, talvez fazendo ronda, e abordou um dos comerciantes presentes

Nesse momento, desenrolou-se o enredo dos acontecimentos: descobriu-se que João teria roubado algumas mercadorias de uma das barracas e, em seguida, teria fugido do local. Os policiais, baseando-se em informações de testemunhas presentes, rapidamente iniciaram uma perseguição a João. Após a saída da viatura

¹ Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, UERN (2014-2018), Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER (2022), e atualmente estou cursando a Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN (2020-atual). Minha formação inclui especializações em Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UFPI, 2023), Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho (UFPI, 2022), Ciências Sociais, Gestão Escolar e Direitos Humanos (Faculdade Focus, 2022). Completei o Mestrado Acadêmico em Filosofia na UFRN, pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFI), entre 2019 e 2022. E-mail: diego_svt@hotmail.com.br

² Por razões éticas, nenhum nome será mencionado neste texto sem a devida e expressa autorização das pessoas envolvidas, o que, em geral, não foi concedido.

do local, a nuvem de curiosidade que pairava sobre a feira começou a se dissipar e muitas pessoas começaram a comentar sobre o ocorrido. A seguir, apresento algumas das falas pronunciadas por elas:

Indivíduo 1: – Tem que pegar mesmo esse João... Vagabundo não pode ficar impune! (não foi possível identificar se o sujeito disse "ficar" ou "sair").

Indivíduo 2: – Quem sofre o prejuízo somos nós... Essas coisas poderiam alimentar alguém que tivesse um futuro! Não era para ir parar nas mãos de um marginal... Aí, ele cresce e, ao invés de ser ladrão, vira um drogado... – isso se ele já não for! (interlocução de outro sujeito presente).

Indivíduo 3: – Você viu para onde o João foi? – Provavelmente para a favela... Com certeza ele vai trocar as coisas pela verdinha (o autor acredita que "verdinha" seja uma referência a maconha, devido à entonação de voz do sujeito e ao contexto do diálogo, embora, segundo o MPCE e o CAOCRIM (2013, p. 8), "verde" ou "verdinha" se refira ao dólar).

Indivíduo 4: – Ontem, roubaram lá na rua da minha casa... Não dá para confiar nesse bairro!

Indivíduo 5: – Por isso, ando sem dinheiro... Se me roubarem, vão levar apenas o cartão! (não foi especificado qual cartão está sendo mencionado).

Indivíduo 6: – Ele parecia o bandido que me roubou no ônibus mês passado lá em Macaíba... – Sério? (interlocução de outro sujeito presente) – Não sei! Talvez, todos eles sejam iguais... "preto é uma coisa só..." (final da fala inaudível).

Indivíduo 7: – [18:50], olha a hora! Já está tarde... Não é seguro ficar por aqui a essa hora.

Não se sabe se a perseguição levou a alguma coisa ou se os policiais conseguiram capturar o João.

Após retratar de forma aproximada o cenário e os personagens da minha experiência, resta agora explorar essa situação tanto no campo epistemológico quanto antropológico e, possivelmente, filosófico. Antes de julgar João severamente, como muitos fizeram, é crucial levar em consideração alguns fatores sociais e econômicos que permeiam o bairro, a cidade, o estado, a região, o país e até mesmo as relações internacionais. Esses fatores contribuem para que

jovens como João se envolvam em atos imorais e antiéticos, como o roubo. É importante ter em mente que o mundo é um organismo complexo, e todos os segmentos mencionados anteriormente formam um organismo vivo e coletivo. Portanto, quando uma parte está em dificuldades, as outras partes são influenciadas, seja de forma direta ou indireta. No entanto, abordar o sistema como um todo demandaria muito tempo, então irei me concentrar agora na questão social e econômica do bairro, deixando espaço para explorar outros elementos desse sistema em um momento posterior.

De acordo com o repórter Silvio Andrade (2019), no ano de 2019, ainda existem indivíduos vivendo em condições de pobreza tanto no Rio Grande do Norte quanto na Região Metropolitana de Natal. Muitas famílias residem em barracos sem acesso a serviços básicos, como eletricidade, água encanada e saneamento. Mesmo em áreas urbanizadas, há ruas sem drenagem e pavimentação, e o transporte público é precário. O bairro Planalto, onde uma ocupação surgiu em um terreno originalmente destinado à construção de um cemitério, representa a síntese da exclusão social. Não há proximidade de transporte, postos de saúde ou escolas, e os moradores são pessoas que fugiram de aluguéis, desempregados e muitos desalentados por não conseguirem encontrar trabalho.

Longe de se limitarem apenas a esses infortúnios, os problemas presentes no bairro fornecem um panorama social que reflete a realidade vivida pelos seus moradores. Nesse sentido, é importante ir além de uma defesa incondicional de João ou de simplesmente culpá-lo, mas sim compreender e evitar aderir ao discurso simplista, vulgar e superficial que propaga a ideia de que João agiu da maneira como agiu por ser negro, sem perspectivas de futuro, ou por ser viciado, entre outros estereótipos. Isso implica reconhecer que a responsabilidade nem sempre recai apenas sobre o indivíduo que, em muitos casos, recorre a ações extremas para garantir sua sobrevivência. O julgamento social é bem fácil de ser formatado, basta somar 1+1+1 e isso resultará em 1, ou seja, em uma opinião comum para três ou mais pessoas. No entanto, compreender e investigar os fatos sociais que levam um indivíduo a agir de maneira moralmente condenável

demanda esforço e uma interpretação complexa. Por isso, é mais confortável julgar apenas a ação em si do que entender as circunstâncias subjacentes a ela.

Para evitar especulações infundadas, uma reflexão surgiu durante a experiência a respeito das ações de João. Essa reflexão pode ser resumida na pergunta comum em momentos de reflexão: por quê? Antes de alguém chegar ao extremo de cometer um furto, certamente passou por uma série de considerações, ponderando os detalhes, ciente das circunstâncias e consequências de sua ação. No entanto, mesmo com tudo isso em mente, a pessoa ainda realiza a ação. Por quê? Alguns podem simplificar a questão e dizer: "Se estivesse em uma situação desfavorável, por que não pediu ajuda?" Essa tentativa de resposta é superficial e não leva em consideração quantos "nãos" essa pessoa ouviu antes de perder a fé na suposta bondade do próximo. Por que algumas pessoas recebem ajuda e outras não? No caso de João, um jovem negro, os possíveis "nãos" que ele recebeu estão relacionados à sua etnia? Sabemos que existe um racismo

estrutural e

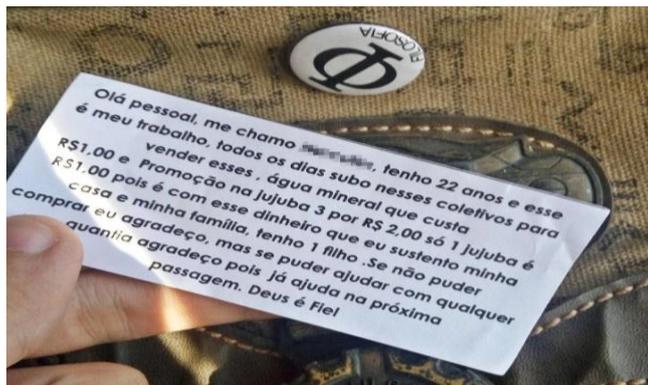


Imagem-1- (Arquivo do Autor)

institucionalizado no Brasil, onde se propagou a ideia de que "os pretos não têm cultura" (DAMATA, 2011, p. 121), além dos insultos morais mencionados nas falas transcritas que servem para ratificar o racismo presente em nossa sociedade.

Em outra experiência que presenciei em um ônibus, no dia 14 de fevereiro do mesmo ano, um jovem branco entrou vendendo doces e pipocas, algo comum em Natal para quem utiliza o transporte público.

Esse jovem recebeu várias aprovações. Muitas pessoas no ônibus compraram seus produtos, desejaram-lhe boa sorte, entre outros gestos positivos. No entanto, em um momento posterior do trajeto, outro jovem, dessa vez negro, subiu no ônibus. Antes de oferecer seus produtos, ele distribuiu uma mensagem

como a mostrada na foto ao lado. Embora essa mensagem cause um impacto emocional em qualquer pessoa com um mínimo de humanitarismo, poucos o apoiaram. Retomando a pergunta inicial: seriam esses "nãos" resultantes de uma seleção social restrita? A ajuda humanitária é direcionada apenas a alguns? Aqueles que ajudam, ajudam sem olhar para quem estão ajudando? Ou será que apenas se interessam por aqueles que são semelhantes? Sem querer esgotar a profundidade da questão do porquê, é possível afirmar que João passou por situações constrangedoras, racistas e preconceituosas até chegar à conclusão de que roubar era sua única opção.

No entanto, o racismo estrutural e a ajuda seletiva não são suficientes para encontrar a resposta desejada. Na verdade, há múltiplos fatores envolvidos, que são percebidos em diferentes graus. Para alguns, esses fatores são sutis, pois não fazem parte de suas realidades sociais. No entanto, para outros, eles são sentidos como verdadeiros "coices de mula", causando dor, segregação, levando as pessoas à extrema necessidade, ao sentimento de falta, à luta por sua sobrevivência diária, entre outros.

Antes de afirmar que João ou José agem como agem por isso ou por aquilo, por que não pensar nos problemas reais, como o abismo da desigualdade, onde alguns têm muito e outros têm pouco ou quase nada? Ou na segregação cultural resultante da hegemonia cultural? Ou ainda na falta de oportunidades, especialmente para as mulheres, que precisam lidar e sobreviver em um mundo machista e misógino? São esses os verdadeiros agentes que devem ser refletidos e julgados como problemas comuns a todos que experimentam as dores advindas da natureza social.

Em suma, em vez de emitir julgamentos superficiais e avaliar o indivíduo com base em suas ações, por que não dedicar uma reflexão aos fatores complexos que impulsionam Marias e Joãos a se envolverem em comportamentos extremos? O fenômeno do roubo, assassinato, sequestro, mentira e outros atos semelhantes é claramente observável na sociedade, mas por que essas ações persistem? Por que os presídios estão superlotados, revelando uma falha no sistema de justiça criminal? Por que existem disparidades gritantes no acesso à saúde, educação e cultura? Por que a miséria e a desigualdade social coexistem em um mundo

repleto de abundância? Por que o Brasil, lamentavelmente, lidera as estatísticas de assassinatos de pessoas trans e travestis? Por que os problemas sociais parecem ser estruturais e arraigados nas entranhas de nossa sociedade? E por que ainda é necessário levantar essas indagações fundamentais?

Referências

ANDRADE, S. “Exclusão social persiste na Grande Natal”. In: *Natal: Tribuna do Norte*, 2019. Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/exclusao-social-persiste-na-grande-natal/455166>.

DAMATA, R. “Você tem cultura?”. In: *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 120-127.

MPCE [Ministério Público do Estado do Ceará]; CAOCRIM [Centro de Apoio Operacional Criminal]. *Termos e gírias utilizados por detentos*. On-line, 2013. Disponível em: <http://tmp.mpce.mp.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestor-de-unidades/girias-detentos.pdf>.

Submissão: 23. 06. 2023 / Aceito: 20. 07. 2023